

Francisco Moita Flores

# A FÚRIA DAS VINHAS

Romance

Um livro  
cheio de poesia  
e de amor pela terra  
9ª edição



Uma história emocionante  
passada nos socalcos do Douro  
no tempo em que se abriam as portas  
da ciência e do conhecimento



## ***Ficha Técnica***

*Título original: A Fúria das Vinhas*

© Francisco Moita Flores

CASA DAS LETRAS

*Uma marca da Oficina do Livro - Sociedade Editorial, Lda.  
uma empresa do grupo LeYa*

*Rua Cidade de Córdoba, n.º2  
2610-038 Alfragide • Portugal  
Tel. 21 041 74 10, Fax. 21 471 77 37*

*Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor*

*E-mail: [info@casadasletras.leya.com](mailto:info@casadasletras.leya.com)*

*Imagens da capa: Corbis/VMI  
Capa: Neusa Dias/Oficina do Livro, Lda.  
Revisão: Ayala Monteiro  
ISBN: 9789895556984*

*[www.oficinadolivro.leya.com](http://www.oficinadolivro.leya.com)*

*Este livro testemunha três das muitas faces  
da mesma memória*

*À Polícia Judiciária  
onde comecei a aprender os caminhos da  
investigação criminal*

*À atriz Filomena Gonçalves, minha mulher,  
cujo talento e génio ressuscitou a Ferreirinha*

*Aos meus filhos e netos pelo tempo que não lhes dei  
e que tanto me dói por não ter dado*

Santarém, 2007

# A Fúria das Vinhas

Recortado no horizonte, sentado sobre as patas traseiras no cimo da escarpa, o lobo levantou o focinho aos céus. Soltou um uivo de mau agouro que se dissolveu nos silvos da ventania rasgada pelas arestas afiadas dos penhascos que apertavam o Rio. Soprava de nortada, gelado e rijo, em vagas alteradas, vergando o que restava das videiras, encarquilhadas e retorcidas, roídas na alma e na seiva pela fúria da praga que ainda há pouco chegara, vinda das encostas do Peso e do Pinhão. Corria matando vinhas inteiras, transformando encostas em cemitérios de ruína a perder de vista. Ninguém sabia como chegara esta praga de morte. Ninguém sabia quando partiria, e os vinhedos, que, naquela altura do ano, deveriam ter a cor verde das margens alcantiladas do Rio, mirravam pela força desta peste que esmagava o Douro. E o céu estava escuro de nuvens prenes de água.

O lobo tornou a uivar. De súbito, uma faísca iluminou os picos da outra banda, para os lados de Carrazeda, e o estampido formidável do trovão ribombou ao longo de todo o vale. As cepas moribundas estremeceram e o lobo levantou-se, atento, orelhas arrebitadas, mas apenas o vendaval chiava pelas faldas das montanhas. Um segundo trovão explodiu grave e metálico e, por instantes, o vento parou. O lobo olhou em volta, ainda desconfiado, e aproximou-se do cadáver da rapariga que jazia seminua, braços e pernas abertos ao céu, sobre o píncaro da fraga. A blusa estava aberta, seios desnudados e pernas

descobertas, enquanto a saia esvoaçava a cada rajada mais forte.

O animal abriu as narinas para melhor perceber o enorme buraco aberto no abdómen por onde regurgitava um pedaço de intestino.

Não deveria ter mais de quinze anos e os cabelos negros, longos, espalhavam-se, desordenados, pelo rochedo. Farejou a enorme mancha de sangue que encharcava a roupa da morta e se espalhava, coalhado, pelo chão. Estendeu a pata direita sobre o peito do cadáver e, por duas vezes, tentou puxá-lo, rasgando-lhe a carne.

Foi então que um trovão, num estoiro infernal, calou a terra de medo, silenciando a fúria do Douro, as cepas mirradas estremeceram em estertores e a urze pulou de sobressalto. A seguir, como se uma legião de diabos corresse sobre as nuvens negras, o som desandou em tropel a caminho de Barca d'Alva.

Foi o anúncio da tempestade. A chuva chegou em cascatas. O céu abriu-se, definitivo, varrendo as serranias e, pelos socalcos das vinhas, a água engrossou, turbulenta, em direcção aos barrancos que emborcavam na ribeira das Forneiras ou, mais abaixo, na Carrapatoza. A terra desvanecia-se aos estrondos das explosões que rasgavam os céus e raios de mil miríades transformavam a paisagem numa visão do Inferno.

A água lavara o sangue do cadáver sobre a rocha e o lobo não gostou da violência da bátega. Encolheu-se com o rabo entre as pernas. Ainda ensaiou sacudir-se num estranho bailado, agitando o corpo, mas o resultado não foi o melhor. A chuva cada vez mais feroz varreu-lhe o lombo, picou-lhe as orelhas e escorreu, abundante, pelas patas. Um par de trovões estralejou mesmo por cima do rochedo onde a fera e o cadáver se encontravam e o lobo, assustado, desistiu da refeição. Correu rápido até um mato de estevas altas que dali se avistava e desapareceu.

As nuvens desabaram brutais sobre os píncaros das serranias, o dia empalideceu em tons de cinzento-escuro como se a noite tivesse chegado pela hora do meio-dia e quem agora olhasse o cadáver desnudado da rapariga, em tons de mármore, já não veria um pingo de sangue. Fora levado pela força da tormenta.

Lá longe, nas goelas da Valeira, o Douro rugia de dor, entalado no garrote das montanhas. Os sons tonitruantes vindos dos céus e do Rio lembravam a fúria inaudita de Deus quando soltou os demónios pela Terra para castigar a venalidade dos ímpios e a devassidão dos incautos. O povo das terras quentes tinha razão. Quando o Douro se entregava assim à raiva das tempestades era sinal de que o diabo andava à solta, faminto de sangue e morte pelas cumeadas do Marão.

D. Antónia aproximou-se da janela. O rosto fechado denunciava as preocupações que a dominavam. Lá fora o vendaval dobrava as cidreiras que ladeavam a Quinta do Porto e o Douro corria veloz, esmagando as margens. Nada que lhe causasse espanto. Carregava mil memórias do Rio, de todos os dias, da alegria à tragédia. Não era a tempestade que lhe turvava o olhar. Era a praga. Voltou-se lentamente para o marido.

- Esta chuva vai dar cabo do que faltava. Não fica uma uva nas cepas.

- Há muito tempo que não vinha trovoada em Agosto.

Deixou-se cair no canapé. O vestido negro fazia-a ainda mais franzina, embora não se reconhecessem os setenta e tal anos intensamente vividos.

- Que vai ser desta gente, Francisco? Parece que Deus nos voltou as costas ou que nos quer castigar pelos pecados dos outros.

Francisco Silva Torres sorriu, condescendente.

- A filoxera não é uma praga vinda dos céus.

- Então veio das profundezas do Inferno!

Ergueu-se e havia irritação na voz de Antónia Ferreira. A silhueta magra recortada na luz discreta da sala empertigou-se ainda mais.

- Há anos que vivemos nesta loucura. Morrem as vinhas, morrem as cepas, morrem os bacelos, morre gente esfomeada por todo este vale abaixo e, como se não bastasse tanto luto, tragédia tão grande, chegam estas trovoadas para destruir as uvas que restam. Raios!

Deu um murro na mesa e a sala iluminou-se por instantes para logo ser sacudida pela violência do trovão.

Ficaram os dois em silêncio e a chuva forte parecia ter dedos que tamborilavam contra os vidros das janelas. Francisco fez um gesto de desalento.

- Estou cansado desta luta. Temos tentado tudo, mas o malvado do insecto resiste a todos os tratamentos.

Centenas de contos em enxofre, centenas de contos em sulfureto, para nada. As vinhas acima do Corgo são mortórios atrás de mortórios. Nem uma parra, nem um bago de uva. Os vinhedos do rio Torto acabaram e a destruição alastra pelo Tua. Não sei o que fazer, Antónia. Ninguém sabe o que há-de fazer. Parece que chegámos ao fim dos tempos.

- Destruídos por um insecto? Nunca! - O grito de Ferreirinha chamou a atenção da criada, que entrou pressurosa.

- Precisa de alguma coisa, minha senhora?

- Não, nada. Estou a falar com o meu marido. Sai daqui!  
Voltou-se para Silva Torres.

- Nunca, Francisco! Não vou permitir que um insecto, um insecto ordinário e vulgar, destrua o trabalho de tanta gente, aquilo que tantos homens e mulheres fizeram por esta terra. Há demasiado sofrimento espalhado pelas encostas do Rio, são milhões de pedras e de canseiras que fazem a história dos nossos vinhos. E tantos mortos, Francisco! E tanta vida feita e desfeita para que este chão fizesse sentido. Juro-te por Deus. Não vou deixar que um reles insecto continue a destruir as vinhas e a roer-nos a alma. Antes de matar o Douro, tem de dar cabo de mim.

Saiu determinada. Furiosa. Talvez por isso não tenha percebido o cansaço e a palidez no rosto de Silva Torres. Na verdade, o desalento do homem que ajudara a construir o império dos Ferreira era apenas um sintoma da doença que há muito tempo lhe roía a saúde, tão persistente como a filoxera que roía a alma das cepas.

Dizia-se que tudo começara nas Gouvinhas. Pelo menos foi a conclusão a que chegou a primeira comissão designada pelo Governo, e presidida por Rodrigo Morais Soares, depois de terem estudado a praga em dezenas de quintas de Sabrosa a São João da Pesqueira. O dono da Quinta dos Montes importara vinha americana, que chegara contaminada com a filoxera. Conforme se foi adaptando às

condições naturais do Alto Douro, multiplicou-se e expandiu-se pelas terras vizinhas, cercando a Galafura, galgando o rio Ceira e atingindo o Castedo.

Nos inícios de 1872, uma década depois da chegada da filoxera, a devastação crescia, correndo agora pelas margens do vinho do Porto. Valença e Ventozelo, Sarzedinho e por aí acima ao longo do rio Torto, o exército de parasitas sugava o tutano das vinhas e o garrote de miséria asfixiava de fome lugares e aldeias inteiras. A morte partira do Corgo e ameaçava agora os vinhedos do Tua.

É verdade que a maior parte do grande império da Ferreirinha, feito de quintas e vinhedos avulsos, ainda pouco fora tocado pelo dedo do demónio. Mas era preciso conhecê-la para se perceber a raiva que lhe ia no peito. E no peito albergava-se o Douro inteiro. Ali, na Régua, ainda menina, calcando os passos do pai, José Bernardo, aprendeu que, mais do que na riqueza abastada da família, tinha a sua fonte maior na generosidade.

- A fortuna não se mede pelos hectares de vinha nem pelas pipas de vinho - costumava dizer José Bernardo. - Não fará sentido e desaparecerá se os homens que as tratam não tiverem um pingote de esperança!

Quando o pai morreu, tinha Antónia quarenta e dois anos, ouviu de Guilhermino de Barros, no discurso fúnebre que este então proferiu, a mensagem que ela continuara pela vida fora: «Não fez derramar lágrimas como os heróis e conquistadores - estancou-as. Que o digam os milhares de pobres a quem socorria.» E bem sabia como era verdade aquilo que se proclamava diante da sepultura do homem que mais amou.

Agora, trinta anos depois desse dia, a morte chegava ao sangue da sua terra sob a forma de insecto.

Silva Torres entrou. Sabia que a mulher se refugiava sempre naquele quarto e ficava defronte da janela a olhar as ribanceiras da Quinta do Seixo e o Rio, que em vagas descia, vindo do Pinhão a caminho da Régua, quando os

problemas tumultuavam no seu peito sem solução à vista. Aproximou-se e afagou-lhe o ombro.

- Estás bem?

- Estou. Respondeu com secura.

- Tenho de partir. Esperam-me em Vila Real para um encontro com os nossos deputados.

- Eu sei.

- Dali vou para o Porto. A gente da Clode & Baker espera-me por causa das encomendas para Inglaterra.

- Francisco...

- Sim?

- Desculpa-me por ter sido áspera. É com a vida que estou zangada.

- Não estarás a ser injusta?

- Dói-me tanto a tragédia que nos calhou. Há tanta miséria por este vale...

Francisco sorriu, condescendente.

- Sempre viveste com força os problemas dos outros e sempre te admirei por isso. Não é agora, que estamos a ficar velhos, que te vou pedir que mudes de feitio.

- E estou preocupada contigo. Vejo-te demasiado abatido, triste.

- É apenas cansaço. Estou bem.

Antónia aproximou-se do marido, agarrou-lhe as mãos e olhou-o com ternura.

- Não sei como seria a minha vida sem ti.

Silva Torres sorriu.

- Teria sido igual ou melhor ainda. És a cepa mais rija que o Douro pôs cá fora. O rochedo mais firme do Marão.

O rosto dela iluminou-se.

- Sou demasiado fraca e pequenina para ser aquilo que tu dizes. Até me chamam a Ferreirinha.

Riu divertido.

- Está enganada, dona Antónia Adelaide. O povo chama-te Ferreirinha porque te ama e sabe que te preocupas como se fosses a mãe de toda a gente. Vou indo.

Beijou-lhe a testa. Antónia abraçou-o e ficou aconchegada no seu peito.

- Tem cuidado contigo. Estou preocupada com a tua saúde.

Abraçou-a com força e gargalhou:

- Estou demasiado velho para também quereses ser minha mãe! - Mudou de tom para avisar: - Amanhã almoço com o visconde de Vila Maior, a quem o Governo nomeou para a nova comissão que está a tratar da praga. Se tiver boas notícias, mando alguém avisar-te.

Francisco saiu e Antónia voltou à janela para o ver partir pela alameda da Quinta do Porto acima. A chuva parara e a terra lavada do aguaceiro despertava, quente, devolvendo o calor que recebera durante todo o Verão.

Silva Torres era o seu segundo marido. Tinham casado em Londres, quando fugira com a filha Maria da Assunção, para não se submeter aos caprichos do duque de Saldanha. Desde então, fora o companheiro e amigo com quem contara para transformar a empresa A. A. Ferreira numa das mais poderosas fortunas do reino.

A criada bateu à porta.

- Minha senhora.

- O que foi, Maria?

- O senhor António Claro acabou de chegar.

Olhou-a, surpreendida.

- O António Claro? Aqui?

Saiu apressada. O administrador dos escritórios no Porto era um homem corpulento, de olhos negros, serenos, e voz grave. Tirava a capa quando Antónia Ferreira entrou na sala.

- Como está, senhora dona Antónia?

- Que aconteceu, António? Passou-se alguma coisa com o meu filho?

- Não, acho que não. Não vejo o senhor António Bernardo há algumas semanas. Dizem-me que está em Paris.

Fez um gesto de irritação.

- Era melhor que cuidasse da sua vida em vez de andar em passeatas. Mas, para teres vindo do Porto, alguma coisa aconteceu.

António Claro pôs em cima da mesa vários exemplares do *Jornal do Porto* e do *Arquivo Rural*.

- As notícias que chegam da Régua puseram Vila Nova de Gaia e a Rua dos Ingleses em pé de guerra.

- Por causa da praga.

- Não se fala de outra coisa.

Antónia folheou os jornais. Sucediãem-se as notícias sobre a filoxera e a ruína dos vinhedos do Corgo. Levantou o olhar para o seu homem de confiança.

- Os exportadores querem baixar os preços?!

- Não sei como vamos aguentar, dona Antónia.

- Não permitindo que façam chantagem connosco. Se baixarem os preços, os desgraçados que estão com a corda na garganta vão ficar na ruína completa.

- O problema é outro. Se ninguém encontrar uma cura para esta praga, não faltará muito tempo para que o Douro seja um enorme mortório donde não sai um almude de vinho.

- Não aceito esse destino.

- Oxalá pudéssemos evitá-lo, senhora.

Antónia Ferreira ficou em silêncio. O sol entrava agora pela janela e as araucárias brilhavam. O chilreio da passarada anunciava o fim da tempestade e o Verão retomava o caminho pelos campos. Só o Rio estava mais grosso e forte do que era habitual nesta época do ano.

Fora também num dia semelhante àquele, depois de uma trovoadas, que de Paris chegou a notícia da morte do seu primeiro marido, com as entranhas carcomidas pela sífilis. O conde de Bonfim telegrafara informando Antónia, que, em vez de chorar, sentiu desprezo por quem consumira a vida inteira até aos trinta e dois anos. António Bernardo Ferreira esbanjara dinheiro e prazeres vivendo a festa dos sentidos até aos limites das forças. Nunca deixou de acreditar que a

morte do marido e primo começou no dia em que abandonou a Régua para tomar a cidade do Porto por sua mãe legítima. Trocou a alma pelo vício, a memória dos afectos mais limpos pela vertigem da futilidade.

Agora, depois de outras trovoadas, da cidade que o matara chegavam notícias dos mercadores ingleses que queriam assassinar a sua raiz.

- Se baixarem os preços, vai ser o fim. O Douro não pode lutar contra a praga e a especulação ao mesmo tempo.

António Claro abriu os braços num gesto de vencido.

- Acho que está na hora de salvarmos os dedos porque não vamos conseguir ficar com os anéis.

- O que queres dizer com isso?

- Por mais que lhe custe, é capaz de ter chegado a hora de vender as suas quintas. Pelo menos aquelas que estão doentes. Os preços de compra estão a baixar e irão baixar ainda mais conforme a filoxera for avançando por essas encostas fora. As reservas de vinho que temos chegam e sobram para ganhar tempo até que a praga se vá embora.

Antónia não conseguiu responder logo. Deixou-se cair, pensativa, numa cadeira. Há muitos anos que António Claro era um dos seus homens de maior confiança, o amigo dedicado e fiel com quem podia partilhar todas as angústias da vida.

- Não há outro caminho?

- Talvez haja, mas não o conheço.

Pegou num dos folhetos que ele trouxera da cidade. *O Novo Flagelo das Vinhas - Philoxera Vastatrix*. Assinava-o José Duarte de Oliveira Júnior. Desde miúda, quando acompanhava o pai pelas vinhas das Nogueiras, de Travassos, do Vesúvio, que a aflição com as pragas era aflição de todos os anos. Sobretudo o oídio e o míldio. Depois de muitas batalhas, a calda de enxofre tornara-se remédio milagroso que, se não acabava com as doenças, pelo menos espantava-as durante algum tempo. Mas agora era diferente. O maldito bicho instalava-se nas cepas,

multiplicando-se por milhões que entravam como legiões, destruindo hectares e hectares de vinhedos. Ali mesmo, na Quinta do Porto, a comissão científica nomeada pelo Governo fazia experiências com inúmeros antídotos: cal, cloreto de potássio, adubos de todas as qualidades tinham sido testados. O sulfureto de carbono parecia ser a arma mais potente contra tão formidável inimigo, mas não chegava. O insecto era a maldição dos infernos.

Por fim, Antónia Ferreira falou para António Claro.

- Cada quinta que comprámos valeu tanto sacrifício que pensar em vender alguma delas é como se arrancasse um pedaço de mim, e sei que quem as comprar vai despedir os nossos caseiros e as famílias a quem damos trabalho.

- É o que está a acontecer por todo o lado. A ruína dos campos está a trazer fome a muita casa. Por mais que lhe custe, tem de tomar uma decisão. Quanto mais tarde vendermos, pior será.

- Vamos fazer assim, António Claro. Regressas ao Porto. O meu marido foi para Vila Real e depois vai ter contigo. Eu vou visitar as nossas quintas mais doentes e, a seguir, encontramo-nos todos para decidirmos o futuro da nossa casa.

O administrador inquietou-se.

- A senhora vai sozinha por esse Rio acima?

- Qual é o problema? Achas que estou assim tão velha?

- Não, quer dizer, os caminhos são perigosos e há bandos de ladrões por todo o lado.

- Não tenho medo de ladrões. Amanhã cedo parto para Vargelas. Vai! Se Deus nos ajudar, havemos de dar cabo desta maldita praga.

António Claro fez um cumprimento e saiu. D. Antónia ainda não sabia, mas multidões de homens e mulheres, de Santa Marta de Penaguião até Lamego, dos lugares de Sabrosa, de Vilarinho de Cotas e Casal de Loivos até Desejosa e Santo Aleixo, não tinham dúvidas de que o fim

do mundo estava perto e a filoxera era o seu anúncio final. Deus cansara-se. O Inferno estava a chegar à Terra.

Não admirava, a quem soubesse, a multiplicação das mezinhas, benzeduras, encomendações e feitiços em cada pedaço de chão ocupado pela filoxera. Porque, sabiam os povos, habitados pelas memórias vindas do fundo dos tempos, que na hora da aflição é preciso suplicar a Deus, invocar santos e espíritos para que a ruindade que cheira a morte seja banida dos destinos marcados na palma de cada mão. E como repetia o Morto-Vivo, o bruxo mais conhecido daquelas paragens, a filoxera mais não era do que a praga apocalíptica ditada pelo império do demónio. Não eram apenas as cepas que morriam. A força do mafarrico vencia a vontade divina. E não havia outra explicação. Os mortórios de vinhedos eram a premonição que anunciava o fim dos tempos e a chegada do reino dos mortos.

O regedor de São João da Pesqueira, Luís Morgado, fez um gesto de contrariedade quando viu chegar, em passo apressado, Vespúcio Ortigão. Era um dos oito filhos do cónego Gregório, de Tabuaço, e ficara-se pelo mundo só com uma tia quando o velho foi a enterrar, pois a mãe, a governanta, há muito que tinha ido, com os pulmões desfeitos pela tuberculose. O padre João Matias, de Linhares de Ansiães, matara-lhe a fome e, porque o moço era vivo como uma raposa, apresentou-o à Ferreirinha gabando-lhe as qualidades. A lavradora, por piedade, pagou-lhe os estudos.

Partira para Coimbra onde cursara Direito, na ressaca da tumultuosa geração que agitara de forma definitiva a academia coimbrã. Antero de Quental, Teófilo Braga, Eça de Queirós, José Falcão, entre outros, foram nomes que conheceu pelas lembranças que deixaram. Quando os colegas mais velhos evocavam estes estudantes, associavam a sua acção às maiores farras, aos grandes despiques intelectuais, ao afrontamento das autoridades académicas e políticas. As acções da Sociedade do Raio contra o reitor Basílio Pinto, ainda que tivessem passado quase dez anos, perpetuaram-se no meio universitário a que se associava sempre a grande rebelião estudantil que abandonou Coimbra, asilando-se no Porto, num movimento de protesto contra o Governo do duque de Loulé.

Contava-se que Antero de Quental zurzira, num artigo inflamado, sem apelo nem agravo, António Feliciano de Castilho, que, naquele tempo, era considerado o príncipe dos poetas românticos. Camilo Castelo Branco, amigo e admirador do poeta, não gostou. Com a acidez empolgada do seu talento literário, publicou um texto onde deixava Antero de rastos. A resposta do irreverente poeta-estudante, que acabara de publicar as *Odes Modernas*, não foi com a pena mas com a espada. Meteu-se no primeiro

comboio que passou em Coimbra e foi por aí acima disposto a resolver a contenda intelectual à espadeirada.

O povo estudantil levantou-se em peso para apoiar o seu herói. Sabia-se que Ramalho Ortigão ainda tentara dissuadi-lo, mas em vão. Na refrega, feriu o autor do *Amor de Perdição e Coimbra recebeu-o transformado em mito*.

Vespúcio Ortigão ouvia todas estas histórias com devota admiração. Procurava acompanhar aquilo que faziam – quase todos viviam agora em Lisboa ou no Porto – e foi com grande curiosidade que seguiu as Conferências do Casino Lisbonense e o tumulto com que foram suspensas pelo duque d'Ávila, então presidente do Ministério. A oração produzida por Antero chegou-lhe às mãos. *A Causa da Decadência dos Povos Peninsulares* foi um documento que leu e releu. Gostaria de ter escrito aquilo. Sobretudo espantava-o a forma como o autor pensava. E apaixonou-se pelos livros. Um amor que parecia eterno. Terminou o curso no ano em que outro dos heróis desse tempo, Eça de Queirós, publicou *O Crime do Padre Amaro*. A beleza literária, a coragem do escritor, que do modo mais impiedoso desnudava as falsas virtudes eclesiais, decidiu Vespúcio. O reino estava podre, precisava de mudança, e ele estaria com todos aqueles que a quisessem fazer.

Regressou bacharel, mas doido. Pelo menos assim o julgavam os tendeiros e comerciantes da região da Régua. Vespúcio Ortigão era excessivamente magro e, por ser muito alto, parecia, ao caminhar, que estava sempre na iminência de cair.

Chegou perto do grupo de homens que rodeava o cadáver da rapariga, espreitou atento e proclamou:

– Está morta.

O regedor, impaciente e agastado, respondeu, cortante.

– Se veio aqui para nos dar essa novidade perdeu os seus passos. Toda a gente já percebeu que a cachopa está morta.

– Muito bem! – concluiu, solene.

Foi um dos caseiros do Vesúvio quem descobrira o corpo da rapariga e correu a avisar o senhor António Sousa, administrador da quinta e sobrinho da Ferreirinha. Vieram outros homens, depois de mandar a notícia a São João da Pesqueira, e o regedor tomara conta do caso. Nenhum dos presentes a conhecia. Não era das redondezas e a autoridade concluiu, judiciosa:

- Deve ser mais uma vadia das terras quentes à procura de esmola e que se perdeu por aqui. Os lobos deram cabo dela.

O bacharel não se conteve.

- Os lobos?

- Não vê os arranhões no peito da moça? Aquilo é pata de lobo. O buraco na barriga com as tripas de fora foi o que conseguiram comer e, se não a comeram toda, foi porque alguma coisa os assustou.

À sentença do regedor alguns dos presentes recordaram outras histórias de lobos e presas indefesas pela serra fora. Luís Morgado voltou as costas com desprezo ao rapaz e dirigiu-se a António Sousa.

- Vossa Senhoria podia fazer-me um grande favor? Dispensa-me uma das suas parelhas de bois para transportar na carreta o corpo desta infeliz? Vou enterrá-la na vala do cemitério da vila.

O administrador do Vesúvio assentiu. Deu instruções a um dos trabalhadores presentes. Vespúcio voltou a intrometer-se.

- Vai mandar a rapariga para a vala comum e acabou-se? E se não foram os lobos que a mataram?

O regedor olhou-o com desprezo, enquanto se preparava para montar o cavalo.

- Por causa desta história tenho o negócio fechado desde o almoço. Não tenho vagar para aturar as suas maluquices.

Picou as esporas no cavalo e partiu a trote. Era barbeiro, miguelista dos quatro costados e regedor por recusa de todos a quem o cargo fora oferecido. E homem de verdades

feitas. Embirrava solenemente com o filho do falecido cónego de Trancoso e usava amiúde o argumento demolidor: «Conheço-o desde rapaz. Passava fome de cão tihoso. A Ferreirinha pagou-lhe os estudos e chega aqui armado em doutor. É o que dá a velha ser uma mãos-largas. Se o dinheiro que gastou com ele tivesse vindo à minha mão, teria levado melhor sorte. Um cão tihoso!»

Vespúcio tinha, de facto, mudado muito desde o tempo em que o barbeiro o recordava andrajoso, melancólico, estendendo a mão à esmola. Os antigos militantes da Sociedade do Raio, mesmo ignorando que ele existia, tinham-lhe alterado o pensar e o agir. Estudara e lera, muito para além daquilo que o seu curso exigia. E a cada livro, a cada texto que encontrava, vindos de outros autores estrangeiros e nacionais, abria novos caminhos ao seu próprio caminho. Por razão da sua formação universitária, atraía-o o crime e a solução mal resolvida pelo direito criminal, que transformava cada tribunal numa casa de injustiça. Voltaire, um dos seus escritores predilectos, desfazia por completo a justiça francesa. Nas *Cartas Persas*, levantou os problemas que Vespúcio Ortigão encontrava na instância judiciária portuguesa. A prova que ali se apresentava, assente em testemunhas que a maioria das vezes não tinham mais nada para dizer do que grandes tiradas mais ou menos morais, deprimia-o. No final de cada julgamento ficava com a terrível sensação de que não se fizera justiça. Entre muitos, chegaram-lhe às mãos os livros de mistério de Gaboriau e Edgar Alan Poe. Maravilhara-se com os feitos do fantástico Vidocq. Mas o verdadeiro problema não era resolvido por estes escritores: a descoberta de um caminho coerente que unisse o crime ao criminoso de forma tão óbvia que ao juiz não pudesse resultar dúvida sobre o verdadeiro culpado. A lógica tinha de ser a argamassa desse caminho. A emergência de um nexo de causas que demonstrava que tal indivíduo cometera determinado crime sem a dependência do

testemunho ou, melhor ainda, sem a necessidade quase asfixiante de uma confissão. Foi a lógica que o encaminhou para Aristóteles e para os silogismos. Ora o reconhecimento silogístico atirou-o de braços abertos para o regaço da ciência que, naquele tempo, acreditava piamente no determinismo lógico. Foi assim que leu o *Catecismo Positivista* como se fosse uma bíblia, embrenhou-se em Émile Littré e decorou textos inteiros de Teófilo Braga.

Devemos reconhecer que era literatura a mais para a pacata vila da Régua. E agora, no caso concreto, para o regedor da Pesqueira. Uma derrocada de muitos saberes sobre a verdade conseguida a custo de lendas e provérbios do barbeiro-regedor.

Rapidamente ganhou a fama de doido. E o aspecto desengonçado do corpo não ajudava a contrariar a sentença ditada pelas autoridades das redondezas. Os cabelos encaracolados, louros e abastados misturavam-se numa barba hirsuta e pouco cuidada.

Vespúcio olhou o cadáver com curiosidade, enquanto dois homens procuravam paus para fazer uma padiola. Lera Bichat, o precursor da tanatologia moderna, e as suas magistras conclusões sobre as causas de morte dos cadáveres que dissecou. Com Balthazar conseguiu perceber a minúcia do ofício de médico-legista e algumas autópsias a que assistira no teatro anatómico da Faculdade de Medicina de Coimbra forneceram-lhe os conhecimentos básicos que agora exercitava.

As roupas que a infeliz rapariga tinha vestidas não condiziam com a conclusão de vadia retirada pelo regedor. A saia era de lã grossa azul e usava corpete com espartilho, sinal de que os pais não eram mendigos. Assim como os botins de cabedal castanho com fivelas douradas. Quem tem dinheiro para comprar roupa daquela por certo que não sabia o que era a fome. Chamaram-lhe a atenção os arranhões e golpes que mostrava no braço direito e, ao aproximar-se um pouco mais, percebeu que segurava um

tufo de cabelos pretos na mão esquerda. Um sorriso brilhou no seu rosto. Aqueles cabelos não eram de um lobo. Apressado, tirou o lenço do colete e recolheu-os. Foi então que observou com maior cuidado a ferida que abria o abdómen. Fora da barriga estava um bom pedaço de intestino delgado. Anotou mentalmente os bordos do ferimento e ficou quieto, pensativo, a olhar o corpo marmóreo. Era evidente que sangrara bastante, mas não se viam sinais de hemorragia. A chuva deveria ter lavado o sangue.

Os homens que faziam a padiola observavam-no de longe, desconfiados. Só alguém sem juízo anda em volta de um morto a farejar como um cão. Entretanto, aproximava-se a parrelha de bois puxando a carroça. Os jornaleiros chegaram com a padiola improvisada e Vespúcio ofereceu-se.

- Eu ajudo.

Enquanto os outros seguravam o corpo, o bacharel meteu as mãos por debaixo da nuca do cadáver. Sorriu novamente ao sentir os ossos da cabeça cedendo ao toque, e quando largou o corpo tinha sinais de sangue na ponta dos dedos.

O cortejo partiu e o rapaz ficou a vê-lo afastar-se. Foi então que, não escondendo a excitação, se colocou de joelhos, gatinhando como uma criança, olhos colados ao chão. Afastou-se um pouco e viu as patas do lobo marcadas na terra húmida. Não ficou entusiasmado. Apenas confirmava o que ele já sabia. O animal estivera junto ao corpo e afastara-se por razões desconhecidas. As marcas dirigiam-se para o matagal que come çava um pouco mais adiante. Desinteressou-se. Tornou a vasculhar o terreno com redobrada atenção até que reparou num arbusto esmagado mesmo junto à raiz. Ao lado, encontrou a marca de uma pata de um cavalo ou de um burro. Por instantes ainda admitiu que fosse do cavalo do regedor, mas não era possível. Ele viera e regressara a São João da Pesqueira e os sinais, que um pouco mais abaixo eram bem visíveis,

dirigiam-se ao Rio. Seguiu-os durante mais algum tempo até que chegou a um carreiro onde se confundiam com as patas de outros animais que por ali passavam na faina agrícola.

Passeou o olhar pelo vale, procurando adivinhar para onde se dirigira a cavalgada. À direita, no fundo, era Arnozelo. Mas também poderia ter ido a caminho de Vale de Figueiras e por aí passar a Salvador do Mundo ou chegar ao cachão da Valeira. Desistiu da adivinhação. Entusiasmado com as descobertas que fizera, meteu-se ao caminho. Precisava de ter uma conversa com o pároco de São João da Pesqueira antes que o regedor fizesse mais disparates.

A notícia do achado macabro correu célere pelas redondezas e muitos foram aqueles que correram a pôr coleiras de pregos nos cães e a recolher os rebanhos com medo dos lobos que andavam a comer pessoas pelas cumeadas das serranias.

Num mundo fechado numa teia de crenças e superstições, qualquer sinal de alarme é verdade aceite e ditada por um poder transcendente. Não se admirava o jovem advogado da vaga de medo cuspida pela autoridade do barbeiro. Cada comunidade era um mundo fechado sobre si, que as montanhas separavam de outros mundos, ao mesmo tempo que retinham a história, permitindo que o velho tempo medieval resistisse às arremetidas da racionalidade. O lobo representava, pois, uma das materializações do demónio, que no fantástico lobisomem tinha a sua expressão mais radical. Era a fera que anunciava o poder da fome, quando se acercava das povoações roubando ovelhas, cães, cabras, ladrão de riqueza e afectos, e falava com o Maligno através de uivos lancinantes que obrigavam à repetição por três vezes do sinal-da-cruz. Através dos seus olhos de fogo qualquer mortal podia ver o olhar do Inferno e sabia-se que se juntava em grandes alcateias para celebrar a partida das almas para a profundidade do fogo eterno. O destino inevitável da rapariga morta, roubada à vida pela fera do

mal, fora encaminhada para gáudio e prazer do seu negro Senhor.

O padre Simões deu um pulo quando ouviu o que o bacharel lhe pedia.

- Isso é uma heresia! Como vos atreveis?

- Porquê, senhor padre? Em que página da Bíblia diz que fazer uma autópsia é uma heresia?

O sacerdote levantou-se da secretária da sacristia e foi apressado espreitar à porta, não fosse alguém ouvir aquela conversa. Vespúcio não desarmou.

- Tenho a certeza de que assassinaram a rapariga. Nada do que encontrei no local tem a ver com um ataque de lobos.

- Santo Deus!

- Esmagaram-lhe a base do crânio e rasgaram-lhe o abdómen com uma faca.

- Santa Maria!

- E quem a matou levou-a de burro ou de cavalo para o sítio onde morreu.

- Que Todos os Santos nos valham!

- Se não for autopsiada, as autoridades não vão saber que houve um crime. O nosso regedor já decidiu que foram os lobos e não há nada a fazer.

- Mas se ele o diz alguma razão terá. Sempre é o regedor.

- Na verdade, pelo menos um lobo esteve perto da rapariga, mas já estava morta.

- Como é que tendes a certeza do que estais a dizer? Vós não estáveis lá.

- O animal arranhou-lhe o peito com a pata, mas não sangrou. É sinal de que já estava morta. Os cadáveres não sangram.

Padre Simões limpou a testa transpirada. A narrativa do causídico era tão segura, tão estranha, que acreditou por instantes no que ele lhe dizia. De súbito, fez um gesto rápido com a cabeça.

- Não. Não podeis saber essas coisas todas. Não é verdade e, se for, em vez de estarmos aqui a conversar, devíeis acompanhar-me ao confessionário.

- Eu? Mas porquê?

- Porque das duas, uma: ou a inditosa foi morta pelos lobos ou vós...

O padre hesitou. A suspeita que lhe ia na cabeça assustava-o e Vespúcio, percebendo a aflição, desatou a rir às gargalhadas. O corpo desconjuntava-se a cada solavanco do riso. O interlocutor não gostou. Contrastavam no físico e na postura. O pároco, rechonchudo, baixo e rosáceo, ainda mais opaco pela negritude da batina, tinha um ar pomposo, enquanto Vespúcio lembrava um espanador retorcido que chocalhava sem cessar. Quando, por fim, acalmou a risada, assegurou:

- Não posso ser suspeito deste crime.

- O quê?

- Quem matou a rapariga é esquerdino. Não é o meu caso.

O padre Simões era minhoto. A infância fora passada em Pevidém e o pai, capador de porcos, conseguira, por influência de certo conde de Arouca, enfiá-lo no seminário de Braga. Ciciava as palavras de tal forma que parecia unilas com a ajuda da letra x.

- Seja como for, seja como for. Um corpo que faleceu é pertença de Deus. Feri-lo é pecado e pecado mortal.

- Feri-lo até matá-lo não será pecado maior?

- Não interessa. Ao falecer, o defunto encontra-se com o Senhor para ser julgado pelos seus pecados. Sagrado é sagrado, meu filho, e, no que diz respeito aos problemas do céu, os homens devem obedecer.

A voz beata, sincopada e ciciada do sacerdote começava a enervar o excitado interlocutor. Ainda por cima tratava-o com um paternalismo excessivo, pois eram os dois da mesma idade.

Vespúcio engrossou a voz.

- Padre Simões, antes de proceder ao enterro convença o regedor a chamar o cirurgião de Lamego. O senhor corre o risco de se tornar cúmplice de um crime.

- Deus me livre.

- Padre, o regedor vai armar uma confusão pior do que a Maria da Fonte. A moça que morreu não é nenhuma vadia. Ou muito me engano ou é filha de gente abastada.

- Como é que tivestes conhecimento desse facto?

- Usa botas de boa qualidade, roupas caras e o corpo está bem nutrido. Não conheço mendigo nem vadio com este aspecto.

- Pode ser uma ladra.

Fechou o livro de registos da paróquia com irritação.

- Esta conversa não faz sentido. Aqui, na casa de Deus, até pode ser pecado.

Não havia nada a fazer. O prior era casmurro e Vespúcio apenas teimoso. Sabia, porque também lera Brouardel, que, numa autópsia feita com rigor, o cadáver conta coisas sobre o criminoso que são mais verdadeiras e claras do que uma qualquer confissão. E, no caso que o preocupava, o exame médico-legal poderia explicar a razão que levou o autor do assassínio a esventrar a rapariga e que instrumento lhe esmagara o occipital. Não tinha dúvidas de que fora a agressão na cabeça que provocara a morte e, por isso, não fazia sentido o enorme ferimento no abdómen. Além deste problema por resolver, outras interrogações se lhe colocavam sem uma resposta coerente. O local ermo para onde a vítima fora transportada. As marcas das patas do cavalo ou do burro eram mais profundas na subida do que na descida, sinal de que ia mais pesado, sendo evidente que carregava a vítima e o algoz.

Porém, não seria ali na sacristia, frente àquele padre tridentino, cicioso, temeroso a um Deus que julgava cruel e ser vil para com a autoridade civil, que resolveria as suas inquietações.

- O senhor padre ainda se vai arrepender por não me ter ajudado - foi o melhor que arranjou para se despedir. Mas o outro disparou, prosélito.

- Só me arrependo dos pecados que possa cometer. Pecados veniais, claro, porque, graças ao Senhor, não sou tentado ao pecado mortal.

Não se conteve.

- Passou anos no seminário a estudar Latim, Filosofia, Teologia. Como é possível não perceber que o mundo está a mudar, que a própria Igreja está a mudar?

- O caminho da salvação é o mesmo há dois mil anos. Nunca mudará.

- Há muito que o conhecimento teológico foi ultrapassado pelo empirismo e, sobretudo, pela ciência. É na ciência que reside a alma da verdade.

Padre Simões olhou-o com desprezo.

- Quem pensa assim não só é pecador como, pelo menos, tem uma costela republicana. A ciência, como lhe chamais, é uma criação diabólica que abre o caminho à heresia.

- Pedir a autópsia de um cadáver não é uma heresia.

- Porque não conheceis as Sagradas Escrituras. Se lerdes o *Levítico*, vereis o que Deus disse a Moisés: *Não vos voltareis para os necromantes nem consultareis os adivinhos, pois eles vos contaminariam.* - Suspirou, desalentado, e lamentou-se: - Para que estou a citar o Santo Livro a quem o despreza, meu bom Deus?

Vespúcio sorriu e, como se utilizasse a espada vingadora, retaliou:

- *Eu, a sabedoria, moro com a sagacidade e possuo o conhecimento da reflexão. Detesto o orgulho e a soberba. Eu possuo o conselho e a prudência, são minhas a inteligência e a fortaleza.*

O pároco ficou surpreendido.

- Que estais a dizer?

- Falo da sabedoria. Procure no Livro dos Provérbios e encontrá-la-á. É capaz de lhe dar algum jeito. Com a vossa

licença, senhor padre.

Saiu deixando o outro boquiaberto. Quando se recompôs tirou uma Bíblia da gaveta da secretária e folheou-a até encontrar a citação que o ímpio fizera. E teve um estremecimento de medo. Já ouvira contar, numa ceia na casa do padre Simeão, em Lamego, que estes livres-pensadores usavam as Sagradas Escrituras para renegar Deus em missas negras onde exaltavam o demónio. O seu interlocutor era maçã! Só podia ser. Pertencia a essa seita daninha que destruíra o reino, em 1820, e transformara o rei num criado menor do parlamento. Pois não eram malvados maçónicos Fernandes Tomás e os Cabrais, o Saldanha e o Braamcamp, Passos Manuel e, até, segundo se dizia, o vendilhão do Pedro IV?! Persignou-se três vezes e tomou uma decisão. Ficaria de olho nele, enquanto permanecesse na Pesqueira, para descobrir até onde chegava o seu comportamento herético.

Indiferente a estas preocupações, Vespúcio entrou em casa da tia, impaciente, à procura de papel e de uma pena na balbúrdia de livros que trouxera da Régua. Precisava de anotar tudo o que havia recolhido e de guardar em local seguro os cabelos que tirara da mão do cadáver.

Escrevia, febril, quando entrou Ana Maria, a rapariga que tratava da casa. Ficou a vê-lo, incapaz de o interromper. Já o conhecia de outras visitas para lhe entender os seus estados de espírito. Sabia que, se o incomodasse, haveria descompostura pela certa. Ficava absorto, os cabelos encaracolados caídos sobre o rosto, o olhar iluminado. Quando finalmente reparou nela, saltou como uma avestruz desengonçada, pegou-a pela cintura e desatou a dançar por cima dos livros.

- Estou feliz, Ana Maria. Finalmente!

A jovem acompanhou-o por instantes, contendo o riso, mas revelando espanto pelo entusiasmo do homem.

- Que vos aconteceu? Recebestes boas notícias?